



Política e Copa do Mundo: a linguagem utilizada pelo Jornal Nacional ao abordar ambos os temas em 2006¹

Ana Carolina Melo Possas², vinculada à Universidade Federal de Viçosa como estudante

Soraya Maria Ferreira Vieira³, vinculada à universidade Federal de Viçosa como docente

Resumo

Uma vez a cada quatro anos a população brasileira se mobiliza frente a dois eventos diferentes: Copa do Mundo e eleições presidenciais. Enquanto o primeiro está ligado ao entretenimento, o segundo envolve, sobretudo, a consciência e o poder de decisão sobre quem governará o país durante os próximos anos. Portanto, hipoteticamente, sua abordagem se faria de maior importância. Utilizando-nos dessa questão, o que pretendemos com o este trabalho consiste em descobrir como ambos os temas foram tratados pelos telejornais no período da Copa do Mundo de 2006. Para tal, escolhemos como objeto de estudo o Jornal Nacional, da Rede Globo. A principal questão a ser respondida é: qual foi a linguagem utilizada pelo telejornal em questão para a veiculação de notícias relacionadas ao esporte e à política?

Palavras-chave

Esporte; Jornal Nacional; Linguagem; Política.

Corpo do trabalho

Introdução

De quatro em quatro anos os ânimos da população brasileira se alteram face à Copa do Mundo e às eleições presidenciais. Enquanto o campeonato mundial de futebol consiste em um evento de entretenimento, a política envolve, sobretudo, a consciência e o poder de decisão sobre quem governará o país durante os próximos anos. Portanto, hipoteticamente, sua abordagem se faria de maior importância. Dentro desse contexto e considerando a mídia televisiva um importante meio de informação e formação da maioria dos brasileiros, o que se pretende nesta pesquisa traduz-se por descobrir como as

¹ Trabalho apresentado ao GT Jornalismo, do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste.

² Estudante do oitavo período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: anacpossas@gmail.com

³ Docente adjunta da Universidade Federal de Viçosa. Mestre e Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: sorayamf@uol.com.br



notícias de política e esporte foram transmitidas pelos telejornais em um momento eminentemente esportivo e ao mesmo tempo político do ano de 2006.

Por constituir o telejornal de maior audiência do país, escolhemos como objeto de estudo o “Jornal Nacional”, da Rede Globo, que vai ao ar de segunda a sábado no horário fixo de 20h15min. Atualmente apresentado pelo casal William Bonner e Fátima Bernardes, o noticiário é dividido em quatro ou cinco blocos e tem duração de aproximadamente 45 minutos. A principal questão a ser respondida consiste em como a linguagem do Jornal Nacional foi configurada para transmitir as notícias relacionadas ao esporte e à política durante o período de tempo correspondente ao que durou a Copa do Mundo de 2006, na Alemanha.

A justificativa para que nossos estudos estivessem voltados para a linguagem reside no fato de que, embora a principal função de um noticiário televisivo diário seja de transmitir ao telespectador as informações sobre os principais acontecimentos do dia, o que irá diferenciá-lo de outros programas do mesmo gênero será o modo de veiculação das suas notícias. A maneira de agir dos interlocutores, a presença ou não de comentaristas durante a exibição do telejornal, a forma de cobertura ao vivo e os quadros especiais apresentados são fatores que atuam como componentes da linguagem do Jornal Nacional.

Para a realização de nossa pesquisa, o primeiro passo a ser seguido foi a gravação dos programas durante o período de tempo compreendido entre cinco de junho e 15 de julho de 2006. Para evitar a redundância nas análises, fizemos um recorte temporal do programa em quatro momentos específicos, correspondentes aos que:

- A seleção brasileira jogou pela primeira vez (12 a 17 de junho);
- O Brasil foi derrotado pela França (26 de junho a 1º de julho);
- A Copa do Mundo continuou sem o Brasil (3 a 8 de julho);
- A Copa do Mundo terminou com a vitória da Itália (10 a 15 de julho).

Dentre os pontos analisados estão a interlocução, utilização de comentários, cobertura ao vivo, quadros específicos apresentados e os diferenciais inovadores. Para tal, utilizamo-nos de um referencial teórico embasado em Arlindo Machado, Umberto Eco, João Luís Van Tilburg, Robert Stam e Zevi Ghivelder.

1 Interlocução



Segundo a definição do mini dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, o interlocutor “é aquele que fala com outro, ou em nome de outro” (1988: 292). De acordo com João Luis Van Tilburg (1996), o “estado de interlocutoriedade” abrange duas modalidades: indireta e direta.

A modalidade indireta pode ser observada, por exemplo, nas novelas. Apesar dos atores agirem como se as câmeras não estivessem ali no momento da trama, ao serem entrevistados os mesmos se dirigem sempre ao espectador como sendo “meu público”, gerando a sensação do “estar juntos”. A forma direta, característica dos telejornais, concretiza-se no momento em que o apresentador se dirige ao telespectador, ou quando está garantida a continuidade do espaço visual.

A utilização de pronomes e verbos na 1ª pessoa do plural e de advérbios de lugar sugere uma aproximação entre aquele que apresenta e aquele que assiste, compondo um clima de convivência, um “estar juntos” que caracteriza o “estado de interlocutoriedade”. Para Tilburg, o “entreolhar-se” na hora da apresentação, a entonação e a expressão facial dos interlocutores consistem em fatores responsáveis por possibilitar a percepção tanto da qualidade quanto do sentido dos acontecimentos tratados, confirmados posteriormente pelas imagens.

A fala telejornalística, portanto, postula um ambiente de intimidade. Contextualizando tais afirmações com o Jornal Nacional, observamos que, durante o período de tempo analisado, sobressaíram-se duas formas de interlocução: entre os apresentadores e entre apresentadores/telespectadores.

1.1 Interlocução entre apresentador/apresentador

Traduz-se pela troca de informações entre os apresentadores durante a exibição do telejornal. No caso do Jornal Nacional, a interlocução era realizada entre William Bonner, transmitindo do Brasil, e Fátima Bernardes da Alemanha. Ressaltamos que esse constitui um caso atípico do programa, visto que não existe comunicação entre o casal quando ambos apresentam o telejornal do mesmo estúdio.



Os momentos em que de fato ocorria a interlocução entre os apresentadores eram aqueles em que William invocava a entrada do link ao vivo por meio do qual Fátima dava as notícias sobre a Copa, além das despedidas. Ao introduzir a comunicação, o apresentador mostrava certa informalidade, utilizando-se de um tom mais leve, quase irônico e com vários sorrisos abertos correspondidos pela parceira, que respondia às perguntas como se estivesse em uma conversa informal.

Para Robert Stam (1985), os estilos individuais com que atuavam os apresentadores não passavam de uma representação maior denominada “a equipe feliz do noticiário”. “A felicidade da equipe do telejornal, como sabemos, é uma montagem que os consultores dos meios de comunicação julgaram desejável, recomendando-a como tática para elevar os índices de audiência, muitos cálculos gélidos fazem parte da produção de calor” (STAM, 1985: 79-80).

Não era à toa que, em decorrência das mudanças que Fátima fazia em acompanhamento à seleção brasileira, a pergunta “onde está você, Fátima Bernardes?” era feita pelo apresentador. O jargão só voltou a ser pronunciado em 2006 devido ao seu grande sucesso em 2002, na Copa do Japão e Coréia do Sul⁴. Outros exemplos da informalidade da interlocução entre os apresentadores puderam ser observados em falas como:

“(...) Fátima Bernardes, o Brasil inteiro lhe deseja uma boa noite. Mas onde é que você está desta vez?”.

“Boa noite William, boa noite a todos! Hoje eu estou no marco histórico e lindíssimo da reunificação das Alemanhas, o Portão de Brandemburgo em Berlim. Desse lado aqui era a parte Oriental e atrás do portão ficava a parte Ocidental do país (...)”. (13/06/2006)

“Boa noite Fátima!”

“Boa noite William”

“Boa noite e eu queria saber o seguinte: você ontem disse que ia viajar hoje pra Munique, mas Munique é uma cidade grande Fátima. Onde está você?”

“No hotel em que a seleção brasileira está hospedada (...)”. (16/06/2006)

⁴ No livro “Jornal Nacional: a notícia faz história” consta que “a participação de Fátima Bernardes em lugares sempre diferentes permitiu a Bonner usar um bordão que caiu no agrado popular. Todo dia ele iniciava o jornal perguntando: “Onde está você, Fátima Bernardes ?”. (MEMÓRIA GLOBO, 2004: 352). Segundo o apresentador, a pergunta acabou se tornando uma das curiosidades da cobertura da Copa.



Nota-se que entre os dois interlocutores existe a configuração de dois espaços. Um é preenchido por ele, no estúdio do Brasil. Outro é ocupado por ela, na Alemanha. Embora fosse praticamente improvável que William não soubesse onde sua parceira se encontrava, o fato de fazer as perguntas sobre sua localização consistia em mais artifício para a busca de familiaridade com o telespectador.

1.2 Interlocução entre apresentador/telespectador

“(…) quem olha para a telecâmara estaria sublinhando o fato de que a TV existe e que seu discurso acontece justamente porque a televisão existe (...) colocado à frente do espectador, este percebe que aquele se dirige exatamente a ele através do meio da tevê, sugerindo-lhe, implicitamente, que há algo de verdadeiro na relação que está sendo instituída, independente do fato de que ele esteja prestando informações ou contando simplesmente uma história fictícia”. (ECO, 1984:186-188)

Ao interpretarmos a citação acima conseguimos compreender porque tantas pessoas respondem ao “Boa noite” do William Bonner ou se sentem à vontade para criticar as roupas ou o cabelo de Fátima Bernardes. Afinal, a interlocução é responsável por toda uma relação de proximidade propositadamente criada com o telespectador, para que este confie naquilo a que assiste.

Embora os apresentadores por trás da bancada sejam pessoas comuns como nós, é visível que aos profissionais do Jornal Nacional não são permitidas a livre gesticulação e a entonação habitual com que costumamos conversar. Para Stam, os profissionais por trás da bancada do estúdio correspondem a “figuras simbólicas que não devem impedir que vaguemos à deriva em um mar tempestuoso de significações” (1985: 78). Ou seja, apesar dos telejornais serem compostos pela sobreposição de assuntos fragmentados que não se justificam nem se complementam entre si, o fato noticiado será interpretado pelo espectador conforme as mudanças nos tons de voz, as posturas adotadas e as expressões faciais dos interlocutores. Estas são características sem as quais os códigos verbais e imagéticos não poderiam ser facilmente assimilados.



“A atuação minimalista dos apresentadores de televisão - os padrões especiais de ênfase e inflexão, a atitude corporal empertigada (que os códigos culturais norte-americanos tomam como competência profissional) e as expressões faciais ao mesmo tempo intensas e afáveis, uma falta de expressão estudada, aberta às mais diversas projeções - combinam-se para provocar um efeito de neutralidade”. (STAM, 1985: 78)

Analisaremos, pois, à postura dos dois principais apresentadores ao se referirem aos assuntos: Copa do Mundo e Política Nacional.

1.2.1 Fátima Bernardes

A apresentadora esteve a cargo de transmitir apenas as notícias relacionadas ao evento na Alemanha. Sua fala não poderia deixar de estar impregnada de características do “estado de interlocutoriedade”, como pronomes pessoais e advérbios de lugar. Como exemplo, foram identificadas as seguintes falas:

“(...) mas **vamos** falar primeiro de futebol. Depois de esperar tanto pelo treze de junho parece que a ansiedade de antes da Copa foi plenamente justificada (...)” (13/06/2006)

“**Voltamos** a falar ao vivo **aqui** da Alemanha, já passa de 1h40min da madrugada e ainda há torcedores **aqui** na praça que fica em frente ao Portão de Brandemburgo. E **você** vai ver agora o prédio onde **nós** estamos (...)” (13/06/2006)

“O Jornal Nacional termina **aqui** a sua cobertura em Berlim. Amanhã **nós** já **estaremos** de volta a Königstein, local da concentração da seleção brasileira ao vivo a partir das 8h30min. Mas a **gente** quer voltar, a **gente** quer estar de volta a Berlim no dia nove de julho para a final da Copa e, quem sabe, a conquista do hexa”. (13/06/2006)

Além das citações acima exemplificadas, observamos que grande parte das falas de Fátima Bernardes utilizou o pronome “nós”, responsável por envolver o telespectador. Porém, algumas citações, como no segundo exemplo, expuseram claramente os espaços que estavam sendo ocupados. Enquanto a apresentadora falava ao vivo da Alemanha, nós, de casa, víamos o prédio onde ela estava através da câmera que estava filmando.



As expressões faciais da interlocutora eram marcadas por sorrisos abertos e olhos brilhantes, demonstrando satisfação e alegria. Em detrimento da informalidade com que ela veiculava as notícias, maiores gesticulações eram feitas. Somente em alguns momentos foram utilizados semblantes mais sérios, como, por exemplo, nos dias do falecimento do humorista Bussunda e da derrota da seleção brasileira. Outro diferencial esteve na postura da apresentadora, sempre de pé em todas as exposições dos noticiários. Nada, porém, fugiu ao padrão Globo de produção. A apresentadora ia ao ar devidamente uniformizada e com os cabelos impecáveis.

1.2.2 William Bonner

Em relação às notícias referentes à Copa, a fala do apresentador também detinha uma certa informalidade, com sorrisos abertos e sempre realçando a “nossa equipe na Alemanha”. Sua relação com os telespectadores também foi de proximidade, explicitada pelas frases:

“Boa noite! Neste momento em que **estamos todos** quase totalmente **recuperados** dos sustos, é hora de voltar para a Alemanha ao vivo”. (13/06/2006)

“Vamos direto ao país da Copa do Mundo ao vivo com Fátima Bernardes”. (16/06/2006)

É visível que através da palavra “todos”, o apresentador não está se referindo somente aos telespectadores torcedores, mas também se incluindo e considerando torcedor, chamando os demais para “voltar” para a Alemanha e assistir ao que Fátima Bernardes tem a dizer.

Ao iniciar a apresentação das notícias relacionadas à política nacional, a postura do interlocutor se modificava. Sua expressão facial ficava mais séria, sem nenhum tipo de sorriso. Os meneios de cabeça e as mudanças de câmera eram responsáveis por facilitar a introdução ao assunto. Embora suas mãos não aparecessem em algumas matérias, quando apareciam estavam sempre em posição de neutralidade. Ainda assim, devido ao levantar de suas sobrancelhas foi possível identificar sua ênfase em alguns trechos de suas frases, como, por exemplo, na nota seca abaixo:

“Denúncia contra mais 13 acusados da máfia das sanguessugas”

A Justiça aceitou **denúncia** contra mais 13 acusados de integrar a máfia das sanguessugas, que desviava dinheiro público na **compra de ambulâncias**.

O ex-deputado Ronivon Santiago, a **ex-assessora do Ministério da Saúde** Maria da Penha Lino, e os donos da empresa Planam, Darci Vedoim e Luís Antônio Vedoin, devem responder por lavagem de dinheiro, crime contra a lei de licitações, corrupção e formação de **quadrilha**.

Outras 34 pessoas já estão sendo processadas. (13/06/2006)

2 Comentários

Ao contrário de outros telejornais da Rede Globo, como Bom Dia Brasil e Jornal Hoje, no Jornal Nacional os apresentadores não fazem comentários sobre as matérias por eles noticiadas. As notícias são veiculadas umas seguidas das outras sem que entre elas William Bonner ou Fátima Bernardes exponha seu ponto de vista em relação ao assunto. Sob a ótica do autor Zevi Ghivelder (1994), essa seria a maneira mais correta de apresentação de um telejornal. Para ele, o fato de ter jornalistas produzindo e apresentando um noticiário não significa, necessariamente, que eles tenham que opinar sobre aquilo e que, quando o fazem, na maioria das vezes sua fala é caracterizada mais por um palpite do que por uma opinião.

“Ao apresentador compete informar. Naturalmente, ele pode sublinhar ou pontuar algo, não precisando ficar estritamente amarrado ao que está escrito. Tanto nos assuntos transcendentais quanto nos menores, no entanto, a conclusão tem que pertencer ao público”. (GHIVELDER, 1994:155)

A presença de comentaristas especializados em editorias específicas se fez presente no programa até pouco tempo atrás, mas atualmente não há ninguém responsável por isso. Durante o período de tempo compreendido por nossa análise, os únicos comentários realizados disseram respeito somente à Copa, 11 ao todo. Eram feitos ou pelo narrador dos jogos do Brasil, Galvão Bueno, ou pelo comentarista de futebol, Arnaldo Cezar Coelho.

Os comentários pontuavam o desempenho da seleção brasileira e de alguns jogadores específicos, além de alguns times que estavam em destaque, como a Argentina e Alemanha. Os textos eram mais literários, cheio de adjetivações e com algumas metáforas. Embora fossem apresentados ao vivo e com o ar de espontaneidade, a formalidade com que eram feitos e a falta de erros durante a fala nos levou a crer que os textos eram lidos, fator que comprova a afirmação de Robert Stam de que “até



mesmo as falas mais casuais são fabricadas” (1985: 78). Eis alguns dos comentários realizados:

“É evidente que a seleção brasileira não jogou bem. Pouca movimentação, um Ronaldo visivelmente fora de forma (o que é uma pena) e um Adriano fora de posição. Resultado: um jogo sofrido que deixou o torcedor angustiado até o lance final. Mas o objetivo principal foi alcançado. Se em jogo de estréia o importante é vencer, os três pontos estão aí. E no meio de um time excessivamente dependente de Kaká e Ronaldinho Gaúcho no ataque, a defesa respondeu a todas as críticas recebidas anteriormente. Dida foi seguro, decisivo e Lúcio e Juan foram simplesmente perfeitos. Acrescente-se aí a eficiência de Emerson e vamos chegar à conclusão de que o quadrado funcionou. Não o mágico, do ataque. O do trabalho, lá atrás”.(Galvão Bueno em 13/06/2006)

“Frustração ou decepção? Qual é o sentimento que bate mais forte agora, no torcedor brasileiro? A frustração de ver as chances de lutar por mais um título terminarem assim de forma tão melancólica aqui em Frankfurt? Ou a decepção de derramar lágrimas por um time que prometia tanto e fez tão pouco? Para se ganhar uma Copa do Mundo é preciso ter talento, técnica, tática, como fez a França hoje, mas para se ganhar uma Copa do Mundo é preciso atitude, como a força de vontade da seleção da Alemanha em superar suas próprias deficiências e unir um povo num ritmo alucinante de um time que quer vencer. Para se ganhar uma Copa do Mundo, é preciso ter a raça que os jogadores portugueses aprenderam com Felipão, ou a frieza da Itália, que mesmo sem ser brilhante e até porque sabe que não é, não dá chances ao adversário. A seleção brasileira perdeu porque não jogou. Temos grandes estrelas, mas essas grandes estrelas jamais formaram um time”. (Galvão Bueno em 01/07/2006)

3 O “ao vivo”

Diferentemente da fotografia ou do cinema, as câmeras de televisão têm o poder de transmitir imagens e sons ao vivo, permitindo que “participemos do tempo literal de pessoas que estão em outros lugares” (STAM, 1985: 75). Com o desenvolvimento das transmissões via satélite, a veiculação simultânea de eventos que estão ocorrendo em qualquer lugar do mundo tornou-se possível aos noticiários televisivos. Tal fenômeno é descrito por Arlindo Machado (1989) como sendo inédito na história das artes visuais.

Nas transmissões ao vivo de televisão, o material que está sendo veiculado já não mais pode contar com o tempo de manipulação prévia. Isso significa que o que está indo ao ar não passou por nenhum tipo de filtro nem por critérios subjetivos do redator e do editor. O autor Zevi Ghivelder acredita que quanto maior for a cobertura ao vivo dos telejornais, maior será sua integração à sociedade e o cumprimento de sua finalidade de informar com “isenção e imparcialidade, permitindo que o espectador tire suas próprias conclusões a respeito do que está vendo e ouvindo” (1994: 159).



No que diz respeito ao *Jornal Nacional*, o programa é diariamente transmitido em tempo real, geralmente às 20h15min. Por meio da frase “Boa noite! Está começando o *Jornal Nacional*”, os interlocutores dão aos espectadores a certeza de que estes estão vendo e ouvindo os enunciados ao mesmo tempo em que estão sendo pronunciados. Para que o noticiário pudesse ser apresentado ao vivo por ambos os interlocutores durante a Copa do Mundo, à Fátima Bernardes cabia esperar até a madrugada para entrar ao ar, em virtude da diferença de fuso horário entre o Brasil e Alemanha, correspondente a cinco horas.

A valorização da transmissão simultânea foi clara tanto nas falas de William Bonner quanto de Fátima Bernardes. Ao chamar o telespectador para as notícias da Copa, na Alemanha, o apresentador não deixava de citar que as transmissões estavam ocorrendo ao vivo, exemplificadas por meio de frases como “vamos ao vivo para a Copa da Alemanha com Fátima Bernardes”. O mesmo fazia a apresentadora, que tanto nos inícios de bloco quanto nas despedidas do programa pronunciava as frases “voltamos ao vivo aqui para a Alemanha” e “amanhã nós voltamos ao vivo aqui da Alemanha”.

Além do “ao vivo” ter sido destaque nas falas dos interlocutores, durante os momentos em que os links com Fátima Bernardes eram exibidos, uma miniatura do símbolo da Rede Globo, constantemente presente no canto direito da imagem, indicava a simultaneidade da apresentação. Essa característica corrobora para a afirmação de Stam de que, “diferentemente do cinema, a televisão tem que nos dizer, através de letreiros superpostos, se a transmissão é ao vivo ou gravada” (1985: 75). E não é sem motivo que ela o faz, ainda segundo Stam:

“Embora as transmissões ao vivo não representem mais que uma ínfima proporção da programação, essa ínfima proporção dá o tom de toda a televisão. No noticiário, a parte da transmissão direta – a informação transmitida pelo apresentador, diálogos, eventuais eventos importantes ao vivo – contamina metonimicamente a totalidade das notícias”. (1985: 75)

Outro fator comprobatório do realce da transmissão simultânea pode ser comparado à observação que Tilburg (1996) faz sobre a imagem do relógio com o horário local, apresentado como condição para se poder localizar os cenários, conforme os diferentes tempos reais, na ocasião da Guerra do Golfo. Do mesmo modo a apresentadora do *Jornal Nacional*, em alguns momentos, chegou a mostrar um relógio localizado próximo ao lugar onde as filmagens aconteciam. Como se não bastassem



todas as indicações da veiculação direta, o relógio aparecia como prova definitiva de que a gravação na Alemanha estava acontecendo, embora em horários diferentes, ao mesmo tempo em que no Brasil.

Em decorrência das informações não passarem por nenhum tipo de filtro antes da transmissão, alguns pequenos erros na apresentação ao vivo foram perceptíveis. Em um dos dias, Fátima Bernardes iniciou dando uma notícia que na verdade era para ter sido dada por William. Houve dias também em que a apresentadora esquecia sua fala e tinha que recorrer ao seu rascunho, deixando transparecer ao espectador que, apesar de imbuída de informalidade, sua fala era produzida antes da exibição. Entre uma notícia e outra as câmeras também deixavam escapar pedaços de imagens que mostravam a apresentadora sorrindo enquanto assistia as matérias sobre as quais noticiava. Na verdade, o que para a notícia gravada consiste em erro, na transmissão simultânea traduz-se pela espontaneidade não manipulada. Segundo Arlindo Machado:

“Na televisão ao vivo, como nas performances de vídeo em tempo real, tudo aquilo que era ‘lixo’ para a produção imagética anterior se converte em elemento formador, impregnando o produto final de uma marca de incompletude e de imprevisto que constitui uma de suas características mais interessantes”.(1989: 69)

4 Os diferenciais da cobertura do Mundial

Além da interlocução, dos comentários e do uso do “ao vivo” na cobertura esportiva, o Jornal Nacional apresentou quadros especiais e inovações presentes somente no período da Copa. Dentre eles, estão o quadro “Olha lá” e as crônicas do jornalista Pedro Bial. Durante os dias em que a seleção brasileira jogava, a abertura do programa também se dava de forma diferenciada. Abordaremos cada um desses pontos separadamente.

4.1 O “Olha lá”

Era apresentado somente nos dias em que a seleção brasileira jogava. Seu formato era composto por *takes* de aproximadamente 20 segundos, que mostravam as reações de torcidas de diferentes estados do país no momento em que um gol era marcado pelo Brasil. Os quadros eram exibidos tanto no início quanto no fim dos blocos do noticiário. Eram caracterizados por uma vinheta específica e sua abertura era



composta por uma bola que girava em torno da palavra “Olha lá”, sobre um fundo verde e amarelo.

As imagens feitas das torcidas eram de felicidade pela vitória e sucesso do Brasil. Nos momentos em que os gols eram marcados, a multidão se levantava aos pulos, abraçando uns aos outros de alegria e felicidade. Pessoas emocionadas, chorando ou rezando também eram filmadas. O clima a nós transmitido era de união e alegria, ou seja, naquele momento o país inteiro estava unido para junto torcer pelo Brasil.

4.2 As crônicas de Pedro Bial

Segundo Stam (1985), as várias câmeras utilizadas nas filmagens de um jogo de futebol, por exemplo, facilitam o desenvolvimento de múltiplas perspectivas pelo telespectador. O videoteipe, que possibilita o replay, e tecnologias como o tira-teima não deixam dúvidas sobre nenhuma jogada.

Em 2006, graças ao uso de câmeras exclusivas da Rede Globo, instaladas em lugares inéditos dos estádios de futebol, ao Jornal Nacional foi possível uma inovação. Pela primeira vez na história do telejornal, um gênero característico do jornalismo literário foi exibido: a crônica.

Ao todo, foram 13 textos cuja temática voltava-se ao desempenho da seleção brasileira ou de determinado jogador. Mesmo após a derrota da seleção brasileira nas quartas de final, as crônicas continuaram a ser exibidas, só que baseadas em jogos de outros times. Os textos eram criativos, com metáforas e inteligentes jogos de palavras. Como exemplo, podemos citar a crônica do dia 14 de junho, feita sobre o jogo do dia anterior.

“O jogo Brasil e Croácia de um jeito que você ainda não viu. São as mesmas jogadas que provocaram a apreensão dos torcedores ou a festa. Mas captadas por câmeras exclusivas em ângulos inéditos. Um show de imagens apresentado por Pedro Bial”.(Fátima Bernardes em 14/06/2006)

“Acredite eram seis bilhões de pessoas na nave de Berlim. Emerson acerta o passo para entrar com o pé direito. Dida vai além e se benze. Eram seis bilhões de pessoas, mas faltava alguém: “Pai obrigado”, agradece Ronaldinho Gaúcho. O craque mais visado dessa copa começa prometendo espetáculo e quase marca em um chute calculado, com a ajuda esperta do corta luz de Juan. Juan, Lúcio, Zé Roberto e Emerson. Aula de defesa. Sabe como se chama o momento em que defesa e ataque viram, um só corpo: contra-ataque. Por exemplo, Emerson se antecipa, rouba a bola, a bola volta para Emerson que sozinho se manda e abre para Cafu.



Cafu levanta a cabeça e examina todas as opções de passe. Passa, Kaká recebe, ignora o marcador croata, parte para o chute e espia. O olhar do craque dura dois décimos de segundo e enxerga o que a gente não vê, decifra. Depois é só colocar, espirar o goleiro se esticar todinho. Apreciar a rede estufar. Gritar, abraçar, gol. Kaká, o cara”. (Pedro Bial em 14/06/2006)

4.3 A abertura do Jornal Nacional

Todos sabemos que após a escalada do telejornal, são exibidas a logomarca com parte da vinheta de abertura do noticiário. Na Copa do Mundo, porém, nos dias em que a seleção brasileira jogava, após a escalada, tanto a vinheta quanto a arte gráfica de abertura eram completamente exibidas. O início se dava com a logo do noticiário se formando. Após sua formação, seu tamanho, que ocupava todo o espaço da tela, diminuía progressivamente até se perder nas cenas do gol e das comemorações em campo.

Conclusão

Através da análise da maneira como ocorreram a interlocução, os comentários e a utilização do “ao vivo”, constatamos que houve uma nova configuração da linguagem do Jornal Nacional para tratar o assunto “Copa do Mundo”, responsável por criar um ambiente de intimidade com o telespectador. As crônicas, os quadros especiais, como o “Olha lá”, e as aberturas diferenciadas nos dias dos jogos contribuíram também para essa re-configuração. O mesmo não ocorreu com a política. Durante o período de tempo analisado, as notícias relacionadas ao assunto continuaram a ser transmitidas da mesma maneira como sempre foram.

Embora nossa pesquisa não tenha se estendido às demais editorias do telejornal, pudemos concluir, através da análise da transmissão dos assuntos políticos embasada pelos teóricos, que o Jornal Nacional rompeu com o modelo habitual de transmissão somente ao veicular notícias sobre a Copa do Mundo. Como exemplos desse rompimento identificamos a comunicação mais direta, com mais funções fáticas e de contato, responsável por facilitar a interlocução, além da repetição de um enfoque amigável, exaltando o futebol brasileiro.

Tal conclusão nos levou a um posicionamento mais crítico perante o fato de que, ao ressemantizar sua linguagem para noticiar informações sobre o Mundial, o Jornal Nacional estaria, ao mesmo tempo, desviando a atenção do telespectador de



outros assuntos, sobretudo políticos, que também seriam importantes dentro do contexto da época. Os resultados aqui obtidos, portanto, apontam para a necessidade de outros estudos voltados para um posicionamento ideológico por parte do telejornal em questão.

Referências bibliográficas

ECO, Umberto. “O Televisonário”. In: _____. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 243-251.

_____. “Tevê: a transparência perdida”. In: _____. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.182-204.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.292.

GHIVELDER, Zevi. “Telejornal em rede”. In: KAPLAN, Sheila. REZENDE, Sidney (orgs) **Jornalismo eletrônico ao vivo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.149-160.

MACHADO, Arlindo. O eterno presente. In: **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 67-88.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

STAM, Robert. “O Telejornal e seu Espectador”. In: **Novos Estudos Cebrap**. n 13. São Paulo: Cebrap, 1985, p.74-87.

TILBURG, João L.V. “Arquitetura do Espaço – Tempo Televisivo”. In: **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim/COMPÓS, 1996